

Artes plásticas

1

- O artista
- O mercado
- a arte
- O marchand
- O jogo com investimento
- O jogo com arte cultural
- O apreciador
- O museu
- O artista consagrado em vida
- O artista morto

Instituto de arte contemporânea

Proposta da área de plásticas

— O artista brasileiro vive ou pode viver só de sua produção?

Em primeiro lugar teríamos que considerar o que se entende por artista.

Em segundo lugar, ~~com o que se compara~~ em termos de crítica, como vem se avaliando o valor da obra para que se confira ao pintor essa definição:

— Artista.

Vejo em nosso meio, tanto no primeiro caso, como no segundo, grandes confusões e inversões desses valores.

São consagrados ~~artistas~~ ^{pintores} cuja produção não vai além de fornecedores de quadros que atendem a uma determinada solicitação de mercado, ~~seu~~ pintores e quadros ~~estes~~ que não se propõem nenhuma pose cultural, quadros bem pintados, ~~seu~~ ~~com~~ com todos os requisitos de técnica e ~~de~~ ~~de~~ ~~de~~ formalmente inseridos numa ou outra tendência.

(3)

Neder quadros mas é problema,
viver de determinada obra é problema,
portanto, artista mesmo, mas vive de sua obra.

As execuções não ^{são} suficientes para que se
afirme com segurança que o artista, nestas e
em outros sociocóculos, vivam de sua obra.

O artista é um operário que não tem
carteira profissional de trabalho.

Nolpi até 1960, "pastou" com toda sua obra
e sua consagração, e se tivesse morrido
aos 60 anos não teria alcançado o sucesso
de mercado de que goza hoje.

O raros colecionadores das obras de Nolpi
antes de 60 não foram suficientes para
proporcioná-lhes uma sobrevivência,
foram suficiente sim para que Nolpi
tivesse a exata medida de sua ~~miseria~~
e condições de miséria e fazer a ~~uma~~
verdadeira apscad entre o pintor de paredes
para sobre viver e o pintor que queria ser,
e fez a apscad ciente de seus poucos recursos
para vencer o tempo (a saúde lhe permitiu)
e o meio sem fazer concessões de obra.
Isto é ser artista - portanto artista mas vive
de sua obra e produzir.

(4)

Hoje Nolpi é uma execução, vende toda sua produção e o que ainda não produziu.

Os colecionadores de outros tempos foram substituídos por investidores em arte.

Os primeiros colecionadores ^{apreciadores} compravam obras. Os investidores - apreciadores compram Nolpi's.

Se por um lado Nolpi não faz concessões alguma em seu trabalho, por outro, sua obra não evolui de 10 anos para cá. Aos 83 anos, acredita-o vendido pelo

~~caso~~ ~~caso~~ ~~caso~~ ^{causa} para que se ^{espera} dele uma reviravolta em sua obra. Seria de se esperar? Teria ele essa obrigação? O mercado consumidor permitiria?

Nolpi ~~está~~ ^é citado ^{aqui} só como exemplo.

Outros exemplos poderiam ser citados, os que se consagram depois de mortos, mas nestes casos não podemos dizer que viveram de sua obra e não tenham morrido com ela para sorte dos especuladores.

Portanto viver da obra, e fazer obra, são duas coisas ^{de} insensíveis, não vejo como, não sei como, mas sei quando.

Cultura é de graça e viver dela ainda é um perigo. O artista está sobre o fio da navalha se descuidar, se costar, e ~~de sorte~~ depende para que lado cai.

A crítica espontânea vem desaparecendo e vem sendo substituída por uma "crítica" de compromisso com galerias e marchand e investidores.

Os eventos e a divulgação do artista e obras são dirigidos para determinado fim e escopo. Sem se contar os apoios de caráter ~~geral~~ pessoal. Raros, muito raros mesmo sob as exceções.

Hoje o artista é divulgado através das galerias estas não recebem mais apoio dos veículos de comunicação que os próprios artistas. Quer dizer inverteram-se os papéis: O cultural pelo mercadológico.

Em ambos os casos é o artista que se vê colocado cada vez mais à distância de uma vivência digna com seu trabalho, a obra cultural não tem mercado e por outro lado o mercado só consome o obra consagrada - de preferência dos ^{artistas} mortos. Pintura de pintor morto consagrada é um investimento seguro.

Investir nos ~~que são~~ pintores que surgem mas dá retorno rentável

O pintor novo com obra nova incomoda e por isso ^{sua obra} não tem rotocada entre os colecionadores investidores.

Toda a estrutura que envolve o artista plástico esta errada e é de comportamento gratuito, a começar pela competição dos Salões e Bienais que deveriam incentivar a produção cultural do artista plástico por outros meios que mas os vigentes.

Mas cabe aqui encontrar soluções para os erros que se cometeram e ven se cometendo ~~no caso de particular~~ ^{de tradiçoes e} ~~erros cometidos de~~ ^{de comportamentos já importantes e tradicionais} ~~e inseridos~~

Serve o acima exposto apenas para enfatizar o problema da sobrevivência pela arte. Se os salões, bienais e eventos outros se transformam em arenas de competição e assim prestado se, por essa brecha, a exploração outras que mas as de ~~cultura~~ objetivo cultural, o que deve esperar o artista que a tudo, isto se expõem e se presta, desarmado ^{que é} pela sua vocação de pintor?

Maldita vocação?